

RUBEM BRAGA

A FALA DA ESTATUA

A estatua de Ruy Barbosa que existe em Varsovia fez, ante-hontem, um discurso para a America, através das "manchettes" de um brilhante matutino desta capital. Como sempre, Ruy falou bonito; e, inclusive, disse algumas bellas verdades. Mas não creio que tenha falado com oportunidade. Antes muito pelo contrario.

Por exemplo: "Neutralidade não quer dizer impassibilidade; quer dizer imparcialidade; e não ha imparcialidade entre o direito e a injustiça". E logo: "Desde que a violencia pisa aos pés arrogantemente o codigo escripto, cruzar os braços é servil-a". E mais na frente: "Não, a Europa é tambem America, e a America é tambem Europa. Os principios de que nós vivemos são os principios bebidos nas instituições europeias. Não queiramos, pois, em hora tão grave, quando se vão jogar com os destinos do mundo os destinos da nossa patria, não queiramos estabelecer distincções que os acontecimentos não comportam, que a justiça não adopta."

Essas coisas Ruy Barbosa disse em 1916 e 1917. Nada tenho a observar quanto a isso. O que não me parece interessante é que a sua estatua em Varsovia se divirta agora em berrear essas coisas para a America. Talvez a culpa não seja de Ruy nem da estatua, seja dos admiradores da estatua.

Ora, tudo o que a estatua diz é muito bonito. Mas não se trata propriamente de um problema de esthetica. Trata-se de um problema de facto. O problema é este: o Brasil deve ficar estritamente neutro ou não? A estatua acha que não: acha que o Brasil deve ir á guerra, como foi ha 22 annos atraz. Acha que a neutralidade é um crime. Com o devido respeito, discordo da estatua. Acho que o Brasil não deve ir á guerra. Acho que isso seria muito mais que um crime: seria uma burrada. Para a estatua o mundo se divide em duas partes: os bonzinhos e os malvadinhos. Os bonzinhos, no momento, são os alliados. O malvadinho é a Alemanha. Qualquer pessoa sabe que eu não morro de amores pelo nazismo — nem morro nem siquer fico doente, ou mesmo indisposto. Mas penso que essa concepção de uma guerra e de um mundo é ligeiramente superficial.

Na minha obscura opinião, o mundo se divide em paizes fortes e paizes fracos. Acontece com frequencia que os paizes fortes exercem sobre os paizes fracos uma coisa chamada imperialismo. Isso, aliás, a estatua não ignora — visto que a estatua foi advogado, no Rio, de uma poderosa empresa imperialista chamada, si não

me engano, Light & Power.

Ora, o Brasil é um paiz fraco. A Inglaterra, a Alemanha e a França são paizes fortes. Nesses tres paizes ha grupos de argentarios — nesses e em outros igualmente fortes, como os Estados Unidos, a Hollanda, etc. — que praticam o imperialismo. No Brasil, na Argentina, na Africa, em Portugal, no Chile, na Asia, esse imperialismo age. Age nas colonias, age nas semi-colonias, age nos paizes sem independencia economica. Acontece que ás vezes essas forças imperialistas contrarias entram em choque. Ou melhor estão sempre em choque. O que ás vezes acontece é que essa lucta passa do terreno economico para o terreno bellico.

Naturalmente cada um desses paizes fortes invoca motivos moraes para a guerra. A Inglaterra — a mesma Inglaterra que explora a India, por exemplo, e massacra os hindús sempre que isso é conveniente — vae á guerra para "defender a pobre Polonia". A Alemanha, a mesma Alemanha que opprime slovacos e tchecos, vae á guerra para salvar da "opressão de extranhos" os allemães de Dantzig. O bravo general Gamelin, que chefia as nobres tropas da França que luctam contra a "opressão" demonstrou suas altas qualidades militares em 1925 na Syria que se levantava contra a oppressão do imperialismo francez. Não consigo achar uma grande differença entre o bombardeio de Varsovia e o bombardeio de Damasco, em outubro daquelle anno.

Emfim: temos ahi uma lucta inter-imperialista. A titulo de que vae o Brasil se metter nisso? Pode ser que um dos imperialismos seja mais sympathico, mais geitoso, mais "distincto": é o imperialismo de barriga cheia. O imperialismo que hoje provoca a guerra é o imperialismo faminto; o gordo, naturalmente, quer que tudo fique como está. Só vae á guerra para que o outro não avance no que elle já abocanhou. Os crimes no nazismo nunca incommodaram em absoluto o sr. Chamberlain; o que o incommoda é a ameaça que o fortalecimento do imperialismo nazista representa para o imperio britanico.

Ora, o Brasil não tem nenhum imperio a defender. Ou melhor: só tem um, que é o seu proprio, seu Imperio interno — como diz o presidente Vargas. Para defendel-o, fi-quemos neutros. Neutros e activos, luctando, aqui dentro, contra todos os imperialismos que sugam as nossas riquezas. A falta da estatua é bonita: mas nem porisso vamos fazer a tolice criminosa de entrar em uma guerra estúpida, onde nada temos a ganhar.